

HILDEGARD VON BINGEN E ELISABETH VON SCHÖNAU: A CORRESPONDÊNCIA (Cartas 201-201r) ENTRE DUAS MÍSTICAS VISIONÁRIAS DO SÉC XII

[HILDEGARD VON BINGEN AND ELISABETH VON SCHÖNAU: THE CORRESPONDENCE (Letters 201-201r) BETWEEN TWO 12th CENTURY VISIONARY MYSTICS]

Ana Rachel Gondim Cabral de Vasconcelos

<https://orcid.org/0000-0003-0990-6987>

arachelgcv@gmail.com

Graduada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Mestranda em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI) e membro do Principium – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq/UEPB).

Maria Simone Marinho Nogueira

<https://orcid.org/0000-0003-1141-3911>

mar.simonem@gmail.com

Doutora em Filosofia pela Universidade de Coimbra – UC. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Licenciada em Letras e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Associada do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Professora Colaboradora da Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI/UEPB. Líder do Principium – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq/UEPB) e Pesquisadora do Apophatiké – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Mística (CNPq/UFF).

DOI: [10.25244/tf.v13i1.2396](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2396)

Recebido em: 05 de fevereiro de 2020. Aprovado em: 01/03/2020

Caicó, ano 13, n. 1, 2020, p. 35-54

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v13i1.2396](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2396)

Dossiê Filosofia e Mística



DOI: [10.25244/uf.v13i1.2396](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2396)

Hildegard von Bingen e Elisabeth von Schönau

VASCONCELOS, Ana, R. G. Cabral de; NOGUEIRA, Maria S. Marinho

Resumo: Neste artigo pretendemos apresentar, a partir das duas primeiras cartas trocadas entre Hildegard von Bingen (1098-1179) e Elisabeth von Schönau (1129-1164), a relação de amizade e inspiração dessas duas mulheres, que foram importantes místicas visionárias cristãs do século XII e influenciaram sobremaneira a cristandade medieval. Apresentaremos, assim, aspectos da vida e da obra da sibila do Reno e sua influência sobre Elisabeth von Schönau, delimitando também algumas das diferenças entre elas, inclusive no que se refere à mística.

Palavras-chave: Correspondência. Mística. Mulheres. Idade Média.

Abstract: In this paper we intend to introduce, parting from the first two letters exchanged between Hildegard von Bingen (1098-1179) and Elisabeth von Schönau (1129-1164), the friendship and inspiring relation of these women, important 12th Century Christian visionary mystics who have greatly influenced medieval Christianity. Thus, we will present aspects of the life and work of the Rhine's Sibyl and its influence on Elisabeth von Schönau, also delimiting some of the differences between them including mystic.

Keywords: Correspondence. Mystic. Women. Middle Ages.

CARTAS NA IDADE MÉDIA

As cartas são uma rica fonte de dados em relação à vida, ao cotidiano e à expressão das pessoas que viveram em eras passadas, por isso, são atualmente uma área de especial interesse para linguistas e historiadores. Embora alguns autores (BAÑOS, 2005 *apud* BOVO, 2015) acreditem que a carta tenha nascido concomitantemente ao alfabeto, apenas na Antiguidade ela passou a ser considerada uma forma literária (KAYSER, 1963, p. 237), mas, mesmo durante o período clássico, apesar da escrita de cartas ser bastante comum, ela não foi um assunto amplamente discutido e estudado até ser incluída, no século IV d.C., como um apêndice na Retórica de Júlio Vítor (PERELMAN, 1991, p. 97).

Do documento público a serviço da administração helenística ao texto privado destinado às questões mais íntimas, a carta se tornou um instrumento de comunicação primordial que se aperfeiçoou enquanto gênero a partir da formalização disciplinar da retórica, da gramática e da poética (BOVO, 2015, p. 264).

Assim, apenas na Idade Média a escrita tornou-se uma preocupação central da teoria retórica. Durante o período medieval, em toda a Europa Ocidental desenvolveu-se uma pujante cultura epistolar. Os séculos XI e XII ficaram conhecidos como uma *Era de Ouro* para a escrita de cartas, devido à diversidade e ao grande volume de correspondências que subsistiram deste período (GOLDY, 2013, p. 62).

Durante a Idade Média, especificamente entre os séculos XI-XII, a arte epistolar ganhou uma ampla produção entre os homens que dominavam a escrita. **Para alguns autores, os séculos XI e XII são considerados a "Idade de Ouro" da epistolografia. Essa qualificação deve-se, primeiramente, ao crescimento numérico das cartas, que se tornaram o gênero preferido para a comunicação escrita. Mas, além do apelo quantitativo, foi a diversidade formal que rendeu destaque na organização e promoção desse gênero literário entre os medievais** (BOVO, 2015, p. 264 [destaques nossos]).

Portanto, a arte de escrever cartas, com sua teoria e prática, de maneira semelhante a outras instituições da Idade Média, não surgiu do nada a partir do século XI, mas como uma continuação da cultura clássica. Textos retóricos clássicos foram modificados segundo as exigências práticas da forma epistolar e foram escritos manuais que se tornaram praticamente universais no Medievo, de forma que o estilo ensinado por eles é encontrado em quase todos os tipos de cartas da época (PERELMAN, 1991, p. 102).

Além disso, a escrita de cartas é uma prática que, como afirma Gómez (2015, p. 16), permite conciliar “solidão e comunhão, silêncio e comunicação, ausência e presença, clausura e abertura, distância e proximidade, estabilidade e missão” e que, na Idade Média, serviu para proporcionar e sustentar amizades mesmo em ambientes monásticos.

Em muitos casos, quem escreve sabe da responsabilidade que sobre ele pesa, assim, apesar de se considerar que nas cartas a linguagem se aproxima da falada muito mais que em outros tipos de texto, nem sempre a linguagem é mais íntima e coloquial, pois há endereçamentos, diretivas, marcadores de polidez, pedidos etc (GOLDY, 2013, p. 4).

Auerbach deixa claro que mesmo hoje, em que a diferença é menor, escrevemos de maneira diversa da falada:

Tôda gente pode fazer a observação de que escrevemos de forma diversa daquela por que falamos. Numa carta familiar, o estilo se aproxima por vêzes da linguagem falada; no momento em que se escreve a estranhos, e sobretudo quando se escreve para o público, a diferença se torna muito mais acentuada. A escolha das expressões é mais cuidada, a sintaxe mais completa e mais lógica; as locuções familiares, as formas abreviadas, espontâneas e afetivas que abundam na conversação, tornam-se raras; tudo aquilo que a entonação, a expressão do rosto e os gestos dão a compreender quando se fala e se escuta, o texto escrito deve complementar por via da precisão e da coerência do estilo. Essa diferença entre o falar e o texto escrito foi muito maior e muito mais consciente na Antiguidade que nos dias de hoje (AUERBACH, 1972, p 48).

Quando se pensa na Idade Média, então, as correspondências eram escritas num estilo ainda mais diferente da linguagem falada, pois as cartas eram adornadas com recursos retóricos que, frequentemente, escondiam a voz do autor em meio à grandiloquência, e eram permeadas por citações das Escrituras. Elas tornaram-se de domínio quase que exclusivamente político e eclesiástico, o que deu ao gênero epistolar um caráter mais permanente e público do que na Antiguidade e na Modernidade.

Normalmente as cartas medievais iniciavam com uma saudação, um exórdio na intenção de elogiar o receptor, para que tivesse uma disposição positiva para acolher o que o remetente tinha a dizer; seguida pela narração, em que eram expostos os motivos pelos quais a carta foi escrita e estabelecidas as bases para a petição; e o pedido, que só era feito após a formulação de uma série de convenções (PERELMAN, 1991, p. 102).

Muitos preservaram e recopiaram as cartas de eminentes escritores, que eram transcritas e revisadas a partir de rascunhos ou cópias, e postas em circulação pelos autores mesmos ou por seus secretários (WHEELER, 2009, p. 6). A esta prática devemos a riqueza de documentações pessoais que mostram a percepção dos acontecimentos a partir do prisma da experiência individual. As cartas vêm sendo utilizadas como fontes de estudo, apesar de serem consideradas problemáticas por várias razões, dentre elas, porque muitas foram preservadas como cópias em manuscritos, não nos originais, apenas para servirem como modelos dentro da *ars dictaminis*, e porque, com frequência, estas cartas não possuem informações básicas, como nomes de remetentes e destinatários.

Pesquisadores têm desenvolvido estratégias a fim de analisar criticamente as cartas individuais e as grandes coleções epistolares, pois são poucos os outros tipos de fontes que fornecem tamanha abundância de informações sobre os mais diversos assuntos, como os níveis de educação das mulheres, por exemplo, e a participação delas nos debates religiosos e políticos. Desta forma, como escreve Goldy (2013, p. 52): “As cartas surgiram como fontes inestimáveis para historiadores interessados em mostrar o engajamento ativo das mulheres leigas e religiosas com – e contribuições significativas para – as comunidades medievais em que viviam”.

Apesar de as cartas trocadas entre Abelardo e Heloísa serem os exemplos mais famosos do século XII, elas representam apenas uma pequena parte da correspondência existente nos manuscritos medievais. A amizade entre homens, por exemplo, teorizada por

Elredo de Rievaulx no século XII, é testemunhada por cartas, como as de Anselmo da Cantuária e Bernardo de Claraval (LARRINGTON, 1995, p. 62).

Já entre as mulheres, muito menos cartas sobreviveram do período medieval, e elas tendem a se ater a assuntos espirituais, como as trocadas entre Clara de Assis e Agnes de Praga, e Hildegard von Bingen e Elisabeth von Schönau (WIETHAUS *apud* LARRINGTON, 1995, p. 51). De qualquer maneira, elas testemunham que as mulheres não deixaram de a elas recorrer para se comunicar, em especial no reino alemão, de onde restam numerosas coleções epistolares.

Dos escritos femininos restantes dos séculos XI em diante, grande parte é de místicas: Hildegard von Bingen e Elisabeth von Schönau; as beguinhas dos Países Baixos; Humildade de Faenza; Angela de Foligno; Margery Kempe e Julian de Norwich são alguns dos exemplos. Algumas destas mulheres foram bastante influentes na Idade Média e deixaram as maiores coleções epistolares de autoria feminina – é o caso da visionária Elisabeth von Schönau e suas 22 cartas, e da abadessa Hildegard von Bingen e suas quase 400 cartas.

O epistolário hildegardiano, composto provavelmente entre 1146 e 1179, testemunha informalmente o cuidado pastoral de Hildegard em todos os níveis. Ele apresenta cartas trocadas com papas, imperadores, reis, nobres, cardeais, bispos, freiras e leigos em geral – destacam-se as cartas trocadas com Bernardo de Claraval, Eugênio III, Frederico Barbarossa, Guibert de Gembloux, e importantes mulheres, como Leonor da Aquitânia e Elisabeth von Schönau – e é bastante revelador não apenas em relação aos acontecimentos biográficos de Hildegard, tendo em vista que alguns deles conhecemos apenas por figurarem nas cartas (PERNOUD, 1996, p. 49), mas também em relação aos conflitos e tensões do século XII que fazem parte da História e contaram com sua participação ativa. Como afirma Pernoud (1996, p. 66): “Não é preciso dizer mais; todos os poderosos, tudo o que conta no mundo temporal e espiritual, estão presentes na correspondência de Hildegard”.

Theoderich von Echternach, o primeiro a compilar suas epístolas, escreveu: “é sabido que respondeu com discernimento as cartas a ela dirigidas de lugares diversos” (ECHTERNACH, 2001, p. 13). Já Martiniano (2009, p. 194), assevera: “A correspondência de Hildegard revela seu caráter multifacetado e, acima de tudo, sua ampla reputação na Idade Média como uma profetisa, um oráculo espiritual”. Por fim, apenas para encerrarmos a ilustração da importância e polivalência do epistolário hildegardiano, citamos o erudito alemão se referindo à sibila do Reno: “Em suas cartas, os tons de comando se alternam com expressões de grande afeição e gentileza. Ela é capaz de demonstrar forte apego às pessoas” (DRONKE, 2001, p. 201). Vemos, assim, nas palavras de muitos estudiosos, a riqueza das cartas de Hildegard von Bingen, que vai desde o discernimento no aconselhamento à sensibilidade na forma de se expressar, além da variedade dos seus destinatários, dando a esta mulher medieval uma autoridade sem igual naquele período.

HILDEGARD VON BINGEN E ELISABETH VON SCHÖNAU: UMA APROXIMAÇÃO (VISÕES)

Hildegard von Bingen (1098-1179) e sua mais nova contemporânea, Elisabeth von Schönau (1129-1164), duas beneditinas alemãs, são, há muito, reconhecidas como as mais talentosas visionárias do século XII (KERBY-FULTON, 1985, p. 536).

Hildegard começou a registrar suas visões apenas aos quarenta e dois anos e sete meses¹ – precisar a data, tal como ela fez, denota a singularidade do acontecimento até mesmo para ela, que desde criança tinha visões. Ela tentou ignorar a ordem da Luz Viva para que escrevesse, mas caiu doente até se dispor a obedecê-la e começar a redigir sua primeira obra, *Scivias* (1141-1151).

Conquanto ainda tivesse dúvidas quanto à oportunidade de escrever ou não, decidiu recorrer ao grande intelectual Bernardo de Claraval e, em busca de aconselhamento, enviou-lhe uma carta. O mesmo Bernardo de Claraval, extremamente ativo e determinado a condenar Abelardo, Guilherme de Conches e Gilbert de Poitiers, em 1147 não apenas aprovou os escritos de Hildegard como também fez com que eles, ainda incompletos, chegassem às mãos do também cisterciense Papa Eugênio III (DRONKE, 2001, p. 149). Este leu trechos da obra durante o Sínodo de Tréveris (1147-1148) e declarou: “Suas obras são conformes a Fé e em tudo semelhantes aos antigos profetas”. Sobre este evento, escreveu Regine Pernoud:

O papa lendo diante dessa enorme assembléia a obra da pequena abadessa, até então só conhecida pelos que com ela conviviam, é com efeito um espetáculo surpreendente, e se atribui a São Bernardo a conclusão que foi a da assistência inteira: “É preciso impedir que se apague uma tão admirável luz animada de inspiração divina” (PERNOUD, 1996, p. 23).

O Papa Eugênio III, então, tomou uma importante atitude: escreveu uma carta para Hildegard incentivando-a a continuar a escrita do *Scivias* e autorizando que publicasse suas obras. Com esta aprovação há um reconhecimento oficial – papal – de que uma mulher recebe revelações divinas (CLARK, 1992, p.12). Hildegard, assim, recebeu o reconhecimento oficial de que suas obras eram inspiradas por Deus e pôde, com tranquilidade, ao contrário de outras místicas medievais, exercer a sua atividade profética, enquanto sua fama crescia.

Peter Dronke (2001, p. 148) ressalta a importância deste fato para a história intelectual do século XII ao escrever que o Papa Eugênio III havia dado sua aprovação à outra obra também bastante original: a *Cosmographia*, de Bernardo Silvestre. Bernardo e Hildegard, que demonstraram bastante ousadia em suas concepções e formulações cosmológicas, poderiam facilmente ter sido perseguidos e suas obras questionadas,

¹ Como lemos no *Scivias*: “Factum est in millesimo centesimo quadragesimo primo Filii Dei Iesu Christi incarnationis anno, cum quadraginta duorum annorum septemque mensium essem, maximae coruscationis igneum lumen aperto caelo ueniens totum cerebrum meum transfudit et totum cor totumque pectus meum uelut flamma non tamen ardens sed calens ita inflammauit, ut sol rem aliquam calefacit super quam radios suos ponit” (Hildegardis Bingensis, 1978, p. 3-4).

censuradas ou condenadas por concílios ou sínodos, como os supracitados Abelardo, Guilherme de Conches ou Gilbert de Poitiers, mas não foi isso que aconteceu.

Deste modo e a partir desta aprovação, Hildegard escreve hinos, antífonas, responsórios; o auto *Ordem das Virtudes*; suas obras de medicina; biografias de santos; comentários à Regra de São Bento e ao Símbolo Atanasiano; o *Liber Vitae Meritorum* e o *Liber Divinorum Operum*, entre 1158 e 1173 que, juntamente com o *Scivias*, compõem sua “trilogia” visionária; e suas quase quatrocentas cartas, em que, nas palavras da própria Hildegard, ela dá “respostas e conselhos para muitas pessoas, tanto distintas como inferiores” (2013, p. 25).

Hildegard von Bingen é normalmente listada entre grandes nomes da escrita latina do século XII, como Hugo e Ricardo de São Victor, Rupert de Deutz, Honório de Regensburgo, Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint-Thierry e Elredo de Rievaulx, que escreveram bastante. Muitos, inclusive, foram influentes e escreveram obras as mais diversas – de comentários bíblicos, ensinamentos morais e espirituais a instruções dogmáticas, em formas que vão do libelo à enciclopédia (HOLLYWOOD, 2012, p. 229).

Apesar de existirem elementos similares em autoras dos séculos XI ao XIV, o apogeu da literatura feminina medieval alemã só ocorreu no século XIII, em Helfta, segundo Chance (2004, p. 7) e normalmente ele não é atribuído à influência de Hildegard sobre elas. Não se costuma considerar que exista uma “Escola Hildegardiana”, como existem de outros autores. Já a postura de Hildegard em relação à política antecipa visionárias como Catarina de Sena e Brígida da Suécia, mas é normalmente ignorada por uma excessiva concentração em sua mística peculiar, e talvez por isso ela não tenha influenciado a mística das gerações posteriores (NEWMAN, 1987, p. 89).

A única mulher diretamente influenciada, considerada discípula e *protégée* de Hildegard é Elisabeth de Schönau, sua contemporânea mais jovem, que chegou a visitá-la em 1156, e com quem trocou cartas, mas entre ambas, apesar das semelhanças, também há diferenças, e a própria Elisabeth parece tê-la enxergado mais como modelo profético do que como professora de contemplação (NEWMAN, 1987, p. 38).

Neste sentido, não se pode dizer que a mística que emergiria com tanto vigor nos séculos posteriores ao que Hildegard viveu seria uma herança de Hildegard. Mesmo Elisabeth de Schonau, sua contemporânea mais jovem e considerada sua “discípula” revela uma espiritualidade diversa da de Hildegard, justamente no que concerne ao misticismo² (MARTINIANO, 2009, p. 148).

Elisabeth von Schönau é a segunda visionária mais famosa do século XII. Embora relegada nos últimos séculos, na Idade Média gozou de imensa fama. Como escreve Clark (1992, p.3): “No final do século XV, as visões de Elisabeth já haviam sido traduzidas para o provençal, alemão e islandês”. O número de manuscritos de suas obras, aproximadamente

² Apesar de alguns estudiosos/estudiosas usarem o termo *mística* e *misticismo* como equivalentes, gostaríamos de aqui fazer um breve esclarecimento. Normalmente o termo *misticismo* é uma tradução do inglês *mysticism* que, nesta língua, não soa pejorativo, não ocorrendo o mesmo quando se utiliza termo igual (*misticismo*) nas línguas latinas. Daí preferirmos utilizar o termo *mística*, que vem do francês *mystique*, substantivo cuja origem, segundo Certeau (2015, p.24-25) data do século XVII. Logo, sempre que se encontrar a palavra *misticismo* neste artigo, trata-se do uso feito por alguns estudiosos que estão sendo citados.

150³, é bastante superior ao de outras autoras, como a própria Hildegard, 30 (NEWMAN, 2015, p. 87). Por isso, estima-se que sua fama, no século XII, era maior ou, no mínimo, igual à da Sibila do Reno (BAIRD, 1994, p.176; CLARK, 1992, p. 2).

Elisabeth von Schönau (1129-1164), uma freira beneditina do convento de Schönau, perto de Tréveris, foi fortemente influenciada por Hildegard von Bingen, com quem ela se correspondeu intensamente. Suas visões místicas, editadas e copiadas por seu irmão Ekbert, chegaram a nós em um grande número de manuscritos que foram escritos principalmente em latim, refletindo o interesse generalizado em suas experiências e escritos. Eles foram traduzidos para o alto-alemão médio nos séculos posteriores (CHANCE, 2004, p. 4).

Elisabeth, como Hildegard, era beneditina, da Renânia, e acreditava ter recebido de Deus visões, bem como instruções, para proclamar as revelações recebidas. Ela começou a ter uma série de êxtases visionários aos 23 anos – um ano após Hildegard ter completado seu *Scivias* – e continuou a tê-los até sua morte, treze anos depois.

A própria Elisabeth diz ter visitado Hildegard em seu *Liber Viarum Dei*, cujo título também é inspirado no *Scivias* (CLARK, 1992, p. 4; CIRLOT, 2001, p. 172). Ela mesma reconhece que foi inspirada depois de ter visitado Hildegard. Em uma visão de seu livro, o anjo lhe diz: “Este é o Livro dos Caminhos de Deus, que lhe foi revelado depois de ter visitado a sua irmã Hildegard e de tê-la ouvido” (ELISABETH VON SCHÖNAU, 2000, p. 165).

A associação entre Hildegard e Elisabeth remonta ao próprio século XII. Os anais da casa premostratense de Pohlde, próximo a Schönau, em 1158, noticiaram:

Nestes dias, Deus mostrou sinais de seu poder no sexo frágil, em duas de suas servas, nomeadamente, Hildegard em Rupertsberg, perto de Bingen, e Elisabeth, em Schönau, a quem ele preencheu com o espírito da profecia e relevou muitos tipos de visões que foram escritas (NEWMAN, 1987, p. 36).

Como podemos perceber, tanto Hildegard quanto Elisabeth são da mesma região da Alemanha, pertenceram à mesma ordem (Beneditina), tiveram visões e foram reconhecidas nos seus contextos, gozando, portanto, de uma autoridade não tão comum entre as mulheres medievais, mesmo as que faziam parte de uma ordem religiosa. Entretanto, como parece pensar a própria Elisabeth, Hildegard é mais um modelo profético do que uma referência mística, já que a mística hildegardiana parece estar mais próxima dos profetas veterotestamentários do que da mística produzida pela maioria das mulheres, sobretudo a partir do século XIII, embora, é claro, não se possa falar com rigor de um sentido unívoco de mística, mesmo em se tratando da produzida pelas mulheres medievais.

³ Mais do que os de Hildegard von Bingen, Hadewijch de Brabant, Mechtild de Magdeburg e Julian de Norwich juntas. (CLARK, 2000, p. 11)

CORRESPONDÊNCIA ENTRE HILDEGARD E ELISABETH

Neste artigo concentrar-nos-emos apenas no início da correspondência entre ambas⁴, quando Elisabeth, hesitante e preocupada, busca de Hildegard, visionária mais velha, conselho e consolação. Estas cartas foram trocadas em alguma data entre 1152, quando as visões de Elisabeth começaram – um ano após a publicação do *Scivias* – e 1157, ano em que ela se tornou abadessa da comunidade de Schönau. Isto é inferido porque Elisabeth refere-se a si mesma como uma “simples freira” na primeira carta a Hildegard. Ambas continuaram se comunicando até a morte de Elisabeth (KERBY-FULTON, 1985, p. 535-536).

Elisabeth se assemelhava a Hildegard de muitas maneiras: ela compartilhava da sua fragilidade física, da sensibilidade a impressões espirituais de todo tipo e da necessidade de autenticação pública para superar a insegurança inicial (NEWMAN, 1987, p. 36). No início da primeira carta, Elisabeth escreve:

Para a senhora Hildegard, venerável mestra das noivas de Cristo em Bingen, Elisabeth, **uma simples freira**, envia orações devotadas com todo afeto. Possam a graça e a consolação do Altíssimo preenchê-la com alegria porque tem sido gentilmente solidária em meu sofrimento, como entendi das palavras do meu confessor, a quem diligentemente aconselhaste no que toca à minha consolação. Em resumo, como lhe foi revelado, ultimamente venho sendo perturbada, confesso, por uma nuvem de problemas devido à conversa indecorosa das pessoas, que estão dizendo muitas coisas sobre mim que simplesmente não são verdade. (ELISABETH SCHÖNAU *apud* HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 176 [destaques nossos]).

Ao final da carta, Elisabeth suplica a Hildegard:

Minha senhora, eu expliquei toda a sequência de eventos para que assim possa ver minha inocência — e do meu abade —, e então possa deixar isto claro para os outros. Suplico-lhe que me faça partícipe de suas orações e que **escreva-me em resposta algumas palavras de consolo, conforme o Espírito do Senhor a guie**. (ELISABETH SCHÖNAU *apud* HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 179 [destaques nossos]).

Estima-se que Hildegard era em torno de trinta anos mais velha que Elisabeth e sabe-se que já era uma visionária bastante conhecida e respeitada, “tendo alcançado um grau de legitimidade incomum para um visionário, especialmente para uma mulher, quando seu livro *Scivias* foi examinado e proclamado divinamente inspirado pelo Papa Eugênio III” (KERBY-FULTON, 1985, p. 536). Assim, Elisabeth apela à autoridade de Hildegard a fim de receber uma espécie de “autoridade por procuração” para seus próprios escritos (CLARK *apud* LARRINGTON, 1995, p. 227).

Alguns autores (CIRLOT, 2001, p. 171; BAIRD, 1998, p. 176) ressaltam a semelhança entre a correspondência enviada por Elisabeth von Schönau, perturbada e

⁴ Mais precisamente duas Cartas, a 201 e a 201r, como destacamos no título.

temerosa, à Hildegard, com a de Hildegard enviada anos antes a Bernardo de Claraval⁵, pedindo consolação.

Elisabeth e Hildegard, em princípio, não quiseram revelar as mensagens recebidas e, por isso, foram severamente castigadas. Em sua primeira carta, Elisabeth relata a Hildegard:

Através de seu anjo, Ele repetidamente me revelou que tipo de coisas estão prestes a atingir seu povo nestes dias, a menos que façam penitência por seus pecados, e **me ordenou que anunciasse isto abertamente. Buscando evitar a soberba e não querendo espalhar novidades, procurei, da melhor maneira possível, manter tudo isto escondido.** No entanto, num Domingo, quando eu estava, como de costume, num estado de êxtase [cf. At. 11,5], o anjo do Senhor pôs-se diante de mim e falou: "Por que estás escondendo ouro na lama? Esta é a palavra de Deus que foi enviada ao mundo para ser falada por ti, porque eles viraram as costas. Porque **a palavra de Deus não deve ser ocultada, mas revelada para louvor e glória de nosso Senhor e para salvação de Seu povo. Depois que ele disse isso, levantou um flagelo e, como se em grande fúria, bateu-me severamente cinco vezes, de modo que, durante os três dias seguintes, senti a dor daquelas batidas por todo o meu corpo.** Então, ele colocou o dedo em minha boca e disse: "Ficarás em silêncio até a hora nona, mas depois darás a conhecer tudo o que o Senhor operou em ti". Assim, permaneci quieta até a hora nona (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 178 [destaques nossos])

As dores corporais descritas por Elisabeth podem ser encontradas também em Hildegard von Bingen, que relata, em sua carta a Bernardo de Claraval⁶, dores físicas e doenças⁷ por não ter divulgado o que viu e ouviu. "Como Hildegard, Elisabeth era espiritualmente sensível e fisicamente frágil, tendente a contínua enfermidade que amiúde acolitavam suas visões" (NEWMAN, 2015, p.85).

Kurt Ruh (*apud* CIRLOT, 2001, p. 172), ao comentar as visões de Elisabeth, escreve que "os sintomas físicos antecedem o êxtase. Os raptos de Elisabeth sempre estão associados a dores corporais", e Barbara Newman (1987, p. 39) detalha: "Sofreu de profundas

⁵ "Pelo Deus vivo, rogo-te que me ouças e atendas minha demanda. [...] Padre dulcíssimo e igualmente seguro e firme: em tua bondade responde-me, a mim, indigna serva tua, que desde minha infância jamais vivi uma hora segura; com tua piedade e tua sabedoria, indaga em tua alma segundo o ensinamento que recebeste do Espírito Santo, e dá a tua serva a consolação de seu coração" (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 32)

⁶ "Quero, pai, pelo amor de Deus, que me consoles, e me sentirei segura. Há mais de dois anos te vi nesta visão como alguém que audazmente fita o Sol sem temor. E chorei, porque enrubesço com muita vergonha e careço absolutamente de audácia. Pai bom e dulcíssimo, me ponho em tua alma para que me reveles, por esta palavra tua, se queres que abertamente diga estas coisas ou que guarde silêncio, já que experimento grandes pesares em relação a esta visão, até que conceda em dizer o que vi e ouvi. Enquanto isso, **por causa desta visão – porque guardo silêncio – permaneço prostrada no leito em meio a graves enfermidades, de maneira tal que não posso levantar-me**" (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 33[Destaque nossos]).

⁷ Azucena Fraboschi explica: "O padecimento da abadessa está relacionado com a vivência de sua natureza sempre oscilante entre a saúde e a doença, com as enfermidades que a acometiam quando resistia à Vontade divina, e com sua dilacerante insegurança que provém do acentuado contraste entre o que tem como recebido e extremamente valioso, que é de origem divina, e o que tem como próprio e sem valor, pela consciência pessoal de suas fraquezas e por ser descendência de Adão" (FRABOSCHI, 2015, p. 33)

depressões, tentações de suicídio, aparições demoníacas (...), as experiências extáticas de Elisabeth eram acompanhadas de agonia”. Neste sentido, cair doente por não escrever é, segundo Barbara Newman:

um padrão recorrente tanto na vida de Hildegard quanto nas narrativas de inúmeras visionárias da Idade Média. Uma visão ou comando divino para escrever aterroriza tanto a mulher que provoca uma doença ao mesmo tempo punitiva e motivadora, o que, em consequência virá a ser uma catálise para a ação: a futura profetisa não pode ser curada até que obedeça à voz celeste (*apud* MARTINIANO, 2009, p. 64)⁸.

Escrever sob ordem divina dá à mulher medieval autorização para falar e agir no domínio público. Deus não apenas lhes dá autoridade para escrever, mas também o conhecimento do que deve ser escrito, por isso, a falta de educação formal, neste sentido, pode até ser entendida como uma vantagem: uma vez que estas mulheres não tendo, teoricamente, o quê transmitir, este conteúdo não pode ter saído delas, mas apenas vindo diretamente de Deus, que tem o costume de usar os tolos para corrigir os sábios (FLANAGAN, 1998 p. 46). Talvez por isso Hildegard insista tanto na afirmação de que é uma pobre mulher iletrada, e Ekbert comente mais de uma vez sobre a ignorância de sua irmã Elisabeth.

Dessa maneira, a experiência que levou à redação do *Scivias* serviu para validar a atuação não apenas de Hildegard, mas de várias outras mulheres. A própria Hildegard duvidou de sua adequação, por ser mulher e “sem instrução”, mas, uma vez que o obstáculo foi superado, começou a escrever e a pregar incansável e incisivamente (FLANAGAN, 1998 p. 46).

Como Hildegard, Elisabeth tem consciência de viver num tempo de profunda decadência espiritual e sente-se mandatária⁹ de Deus para ajudar a Igreja a enfrentar esta situação, por isso, profetiza, prega ardentemente a reforma, aconselha as pessoas através das cartas, profere admoestações apocalípticas, intervém politicamente e combate hereges (NEWMAN, 2015, p 85).

Tal qual Hildegard, Elisabeth, influenciada por Ekbert, combate fortemente os cátaros. Ambas compartilham de uma preocupação pastoral e buscam reafirmar tudo aquilo que é posto em dúvida pela heresia cátara, como a veneração dos santos, a transubstanciação, a criação do universo por Deus e a encarnação da Palavra de Deus (CLARK, 2000, p. 23).

⁸ Interessante perceber que nada disso ocorre com aquelas ou aqueles que fazem parte do que se denomina de mística especulativa, que tem na Escola Renana sua grande representante e em Mestre Eckhart seu pensador mais conhecido. Mas cabe destacar aqui o pensamento de Marguerite Porete, queimada em Paris em 1310, que não é antecedido de visões e em que não verificamos êxtases, nem doenças ou dilaceramentos, “enquadrando-se”, por mais difíceis que sejam as classificações, no que se denomina de mística especulativa.

⁹ No início do Segundo Livro das Visões (2000, p. 97), Elisabeth cita mulheres do Antigo Testamento para justificar a ação de Deus nas mulheres de seu tempo: “As pessoas estão escandalizadas por nestes dias o Senhor se dignar a aumentar sua grande misericórdia no sexo frágil. Mas, por que não passa pela cabeça delas que uma coisa semelhante aconteceu nos dias de nossos pais, quando, enquanto homens foram entregues à indolência, mulheres santas foram cheias do Espírito de Deus para que profetisassem, governassem energicamente o povo de Deus e até mesmo alcançassem gloriosas vitórias sobre os inimigos de Israel? Falo de mulheres como Hulda, Deborah, Judith, Jael e afins”.

Elas culpam diretamente a imoralidade e o abuso do clero pelo florescimento do movimento herético, que seduz as pessoas com exhibições de rígida moralidade, e dirigem duras palavras aos clérigos e aos mestres da Igreja, acusando-os de negligência, de não arcarem com a responsabilidade de ensinar as pessoas e de estarem absortos em seus próprios desejos e na ganância, alegando não terem tempo para guiar as pessoas¹⁰.

Elas atribuem o sucesso da heresia ao fracasso do clero e compartilham um senso de necessidade de preencher o vácuo que o clero fraco e depravado deixou. Elisabeth, em outra carta¹¹, chega a louvar os esforços de Hildegard em recuperar os fiéis da heresia, pregando publicamente contra a negligência clerical ante a propagação da heresia. “Hildegarda recorda aos clérigos corruptos que Deus tinha sido forçado a escolher uma porta-voz inferior porque eles tinham decaído tanto” (BYNUM, 2015, p. 16)¹².

Hildegard e Elisabeth, embora não tenham abandonado a esperança na estrutura da Igreja ou defendido sua dispensabilidade, sentem-se no dever de preencher o vazio deixado pelo clero depravado e irresponsável, por isso, estão dispostas a gritar com urgência a necessidade de arrependimento e mudança de vida. Ambas apelam para as consciências dos clérigos e buscam despertá-los para a ação. Elisabeth é mais incisiva que Hildegard e condena não apenas os defeitos pessoais do clero, mas a negligência e a simonia¹³.

Se Elisabeth “herdou” de Hildegard o “espírito profético” juntamente com o dom das visões, manifestando-se, como Hildegard, a favor da reforma clerical, escrevendo cartas de conselho espiritual e proferindo avisos apocalípticos, há, no entanto, acentuadas diferenças entre as duas mulheres (MARTINIANO, 2009, p. 148).

¹⁰ Chamamos atenção para dizer que a mística (ou aqueles e aquelas que dela fazem parte com as suas experiências, independente de estas passarem ou não por visões ou outros fenômenos), ao contrário do que muitos pensam, não vive à parte do mundo. Pelo contrário, a contemplação tão almejada vem acompanhada de uma ação e, neste sentido, os/as que vivem experiências místicas, embora fortemente ligados/as a determinadas religiões – não esquecendo dos místicos ateus –, não deixam de ter clareza dos problemas do seu entorno e, conseqüentemente das suas religiões, sendo, desta forma, seus primeiros críticos, não sendo diferente no que diz respeito a Hildegard von Bingen e Elisabeth Schönau.

¹¹ “Ó senhora Hildegard, execute a obra do Senhor exatamente como tem feito até agora, porque o Senhor a colocou como operária em sua vinha” (ELISABETH VON SCHÖNAU, 2000, p. 141).

¹² Hildegard produziu um pequeno tratado visionário contra os cátaros, que certamente foi conhecido por Elisabeth; e Elisabeth, por sua vez, escreveu sua própria condenação visionária aos cátaros e clérigos negligentes (CLARK, 1992, pp. 22-23).

¹³ “Meus pastores estão caídos como se estivessem num sono profundo, e como eu poderia despertá-los? ... De fato, a lei primeiro se perde dos sacerdotes e dos anciãos do meu povo (Ez 7, 26), porque eles procuram vender os sacrifícios dos meus sacramentos. Aqueles que vendem, vendem julgamento sobre si mesmos, e aqueles que compram, compram uma espada de dois gumes ... Há alguns que não entram no meu rebanho pela porta, mas surgem de uma maneira diferente, como ladrões e salteadores (Jo 10,1); ladrões por causa de sua avareza e salteadores porque perdem as almas que lhes são confiadas. Eles cobrem seus atos depravados para que não sejam vistos pelo povo. Por essa razão, eles não falam incisivamente contra todas as heresias: porque são repreensíveis em seus próprios caminhos” (ELISABETH VON SCHÖNAU, 2000, p. 146).

HILDEGARD E ELISABETH: MÍSTICAS DIFERENTES

Há três importantes diferenças entre Hildegard e Elisabeth: o tipo de mística, a relação com os homens e a qualidade da obra. A partir destas primeiras cartas é possível expor a diferença entre a mística de ambas.

Hildegard nunca teve êxtases ou arrebatamentos e isto ela sempre deixa bastante claro. Esclarece Peter Dronke (2001, p. 147):

Não havia a menor suspensão de suas faculdades normais: seus insights não tinham nada a ver com sonho, devaneio, transe, alucinação ou êxtase (uma palavra que ela, como vários escritores do século XII, usa apenas no sentido pejorativo). O que Hildegard quer enfatizar é que, com tudo o que viu em sua alma, permaneceu fisicamente lúcida durante todo o tempo.

Ela deixa bastante claro, por exemplo, na carta a Bernardo de Claraval¹⁴, na carta a Guibert de Gembloux¹⁵, na declaração inicial do *Scivias*¹⁶ e no *Liber Divinorum Operum*¹⁷, que suas visões não ocorrem durante o sono nem em estado de êxtase, mas quando está totalmente desperta, e que não vê com os olhos externos, mas apenas em espírito. Isto a diferencia de uma mística típica.

Já Elisabeth é uma mística tradicional¹⁸. Na carta a Hildegard, em que pede orientação e auxílio, cita abertamente seis ocasiões em que entrou em estado de êxtase:

¹⁴ “Pai, estou muito perturbada com uma visão que tive por revelação divina, uma visão não aparecida para meus olhos carnis, mas vista somente em meu espírito”. (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 28)

¹⁵ “Entretanto, não ouço essas coisas com meus ouvidos corporais, nem as percebo com as considerações do meu coração ou com a evidência dos meus cinco sentidos. Eu as vejo apenas em meu espírito, com os olhos bem abertos, e assim eu nunca sofro do estado de êxtase nessas visões. E totalmente desperta, continuo a vê-las dia e noite. Também meu corpo sofre incessantemente e sou atormentada por dores tão terríveis que quase chego a morrer. Até agora, porém, Deus tem me sustentado”. (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 23)

¹⁶ “Mas as visões que tive não as percebi em sonhos, ou no sono, ou em delírio, ou pelos olhos do corpo, ou pelos ouvidos do ser exterior, ou em lugares ocultos; recebi-as, pois, estando desperta e enxergando com mente pura e com os olhos e ouvidos do ser interior, em lugares abertos, conforme Deus o queria. Como isso pode ser é difícil para a carne mortal compreender”. (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 96)

¹⁷ “Já que todas as coisas que escrevi desde que começaram as visões, ou que vim aprendendo sucessivamente, as vi com os olhos interiores do espírito e as escutei com os ouvidos interiores, enquanto estava absorta nos mistérios celestes, velava com a mente e com o corpo, não em sonhos nem em êxtases, como disse em minhas visões anteriores”. (HILDEGARDA DE BINGEN, 2013, p. 27)

¹⁸ “Mística típica”, “mística tradicional” devem ser entendidas aqui mais como forças de expressão do que como conceitos específicos, já que as experiências místicas têm um leque bastante amplo de variantes. De toda forma, o que está sendo chamado aqui de “típica” e “tradicional” é apenas uma forma de experienciar místico de Elisabeth Schönau que contrasta com o de Hildegard von Bingen, pelo fato de aquele ser revestido por estados de êxtases em que há perda da consciência e pela forma de interação com as visões. Algo semelhante em relação às visões de Elisabeth ocorre com Hadewijch da Antuérpia (séc. XIII). Já quando pensamos em Marguerite Porete, é preciso recolocar a mística numa outra categoria. Logo, não há uma mística típica ou tradicional, o que há são experiências místicas que podem ser lidas à luz dos teóricos da mística em movimentos de aproximações e de afastamentos nos seus diferentes contextos e, naturalmente, a partir dos textos que as místicas e os místicos nos legaram.

No entanto, num Domingo, quando eu estava, como de costume, num **estado de êxtase** [cf. Atos 11,5], o anjo do Senhor pôs-se diante de mim. [...] Então, depois de me dedicar por muito tempo à prece urgente relacionada a esta questão, durante o Tempo do Advento, na festa de Santa Bárbara, na primeira vigília da noite, **entrei em êxtase**, e o anjo do Senhor parou diante de mim. [...] Assim, certo dia, quando eu **estava em êxtase**, ele apareceu diante de mim de sua maneira habitual. [...] Enquanto ele celebrava os mistérios divinos e estávamos todos orando ardentemente, de repente minhas articulações ficaram relaxadas e eu caí em **estado de êxtase**. [...] Aconteceu que, no quarto dia antes da Páscoa, suportei grande sofrimento físico, e então entrei em **estado de êxtase**. [...] Depois disso, no sexto dia, aproximadamente na terceira hora, entrei com grande dor em **estado de êxtase** e, novamente, o anjo postou-se diante de mim (ELISABETH SCHÖNAU *apud* HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p.178) [Destques nossos]).

Ao contrário, Hildegard reitera que nunca perde a consciência durante suas experiências visionárias e parece atestar que muitos de seus contemporâneos viam as visões e locuções como formas inferiores de contemplação que eram resultado da fragilidade do corpo ao se confrontar com Deus. Lembra Kerby-Fulton (1985, p. 537), que vê uma desaprovação tácita de Hildegard quanto à forma de Elisabeth lidar com as experiências visionárias e com alguns aspectos da carreira de sua discípula. No entanto, Hildegard não deixou de nutrir empatia e consolá-la, como alguém que passou por situações parecidas.

Segundo Sabina Flanagan (1998, p. 55), é natural que Hildegard veja os êxtases de maneira negativa, de acordo com o que ela escreve acerca dos pensamentos, emoções e sonhos no *Causae et Curae*. Para Hildegard, Deus pode indicar coisas verdadeiras por este meio, mas muitas vezes o Diabo toma o controle e induz a mentiras e tentações. Hildegard mostrar-se sempre impassível contrasta com as experiências de Elisabeth que, segundo seu irmão Ekbert, quando em transe, não mostra sinais de vida e não aparenta sequer estar respirando.

Flanagan (1998, p. 53) destaca a diferença quanto às formas como Hildegard e Elisabeth vivenciaram suas visões. Hildegard é uma observadora distanciada e com pouca interação com as figuras e seres de suas visões, praticamente como se as imagens fossem projetadas numa tela à sua frente, não ocupando o mesmo espaço físico nem sendo referenciadas por ela, que jamais confunde a natureza de sua experiência, pois mantém os sentidos do corpo inalterados. Já as aparições de Elisabeth ocupam o mesmo espaço físico que ela, e ela chega a interagir com objetos reais. Seus sentidos são dominados por suas visões de forma que ela às vezes se mostra insegura na classificação do que vê e duvida da fonte da visão, temendo que possa ser uma manifestação diabólica. Isto significa que Elisabeth participa das visões muito mais do que Hildegard.

Elisabeth demonstra, nesta primeira carta, segundo Kerby-Fulton (1985, p. 537), ter noção de que, para ter credibilidade, ela não poderia ultrapassar alguns limites, por isso destaca que não profetizou sobre o Dia do Juízo e que não detalhou pragas e calamidades em tom de ameaça:

Estimulados por não sei qual espírito, eles ridicularizam a graça do Senhor em mim e não têm medo de fazer julgamentos precipitados sobre coisas as quais não têm nenhuma compreensão a respeito. Eu ouvi também que algumas pessoas estão fazendo circular uma carta sob meu nome sobre o

Espírito de Deus. **Eles me difamam alegando que profetizei a respeito do dia do juízo – o que, certamente, eu nunca presumi fazer, uma vez que tal conhecimento está além da compreensão de todo ser humano.** [...] Naquele momento, **certa pessoa, induzida por algum tipo de zelo, enviou** uma carta para Colônia em nome do meu abade — embora ele mesmo ignorasse isso, Deus sabe — **uma carta em que terríveis ameaças foram relatadas na presença de todo o povo.** Assim, embora algumas pessoas tolas tenham nos ridicularizado, os prudentes, conforme ouvimos, reverentemente acataram a mensagem e não deixaram de venerar a Deus com os frutos da penitência. (ELISABETH SCHÖNAU *apud* HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 178)[Destques nossos]

Ela parece não querer ser associada a pessoas de índole duvidosa que profetizaram sobre estes assuntos. “Claramente, uma mensagem simples da necessidade de arrependimento, geralmente, era considerada aceitável na época, a fim de evitar a iminente tribulação, enquanto profecias mais elaboradas eram vistas como uma fantasia perigosa” (KERBY-FULTON, 1985, p. 538).

Hildegard, cheia de uma autoridade espiritual que dispensa direcionamento e consolo aos necessitados, responde confortando Elisabeth e atribuindo o sofrimento dela ao fato de ser inspirada por Deus, quem é inspirado acaba sendo assediado por sugestões demoníacas (CLARK, 1992, p. 21):

Ouçá agora, ó minha inquieta filha. O artifício soberbo da antiga serpente [cf. Gn. 3.Iff; Ap. 12,9.20,2] às vezes desgasta as pessoas inspiradas por Deus. Porque sempre que a serpente vê uma delicada joia, ela chama e diz: Que é isto? E ela cansa aquelas joias com as muitas aflições que causam sofrimento a um espírito ardente, fazendo-as ansiarem por elevarem-se acima das nuvens, como se fossem deusas, assim como ela mesma fez outrora. (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 180)

Esta consolação é acompanhada por uma explanação sobre a verdadeira natureza da experiência profética e uma exortação acerca do orgulho espiritual. Para Kerby-Fulton (1985, p. 538), isto parece um sinal de que Hildegard, que aborda os problemas de seus correspondentes apenas indiretamente, vê em Elisabeth, na sua ansiedade, questionamentos e medos, uma espécie de orgulho espiritual, por isso lembra-a que questões celestes devem ser deixadas para Aquele que é celestial e de quem elas são meros instrumentos:

Aqueles que anseiam por realizar as obras de Deus devem sempre ter em mente que são vasos frágeis [cf. II Cor 4.7], pois são apenas humanos. Devem sempre ter em mente o que são e o que serão. Devem **deixar para Aquele que é do céu as coisas do céu, porque eles são exilados ignorantes das coisas do alto.** Eles só podem ressoar os mistérios de Deus como uma trombeta, que apenas dá o som como resposta, mas não funciona sozinha, pois é o Outro que sopra nela que pode emitir o som. Mas deixe-os vestirem a couraça da fé [cf. I Tess 5,8], aqueles que são suaves, gentis, pobres e aflitos, como o Cordeiro, pois eles são o som de Sua trombeta, e na natureza são como crianças sem culpa. Porque **Deus sempre flagela aqueles que sopram sua trombeta, mas segundo o seu bom propósito,** Ele antevê que o seu frágil vaso não perecerá. (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 181) [destques nossos]

O alerta de Hildegard para que se evite tratar de mistérios celestes pode, inicialmente, parecer sem sentido, tendo em vista que ela mesma afirma conhecer estes mistérios, mas, aqui, ela parece se referir à previsão explícita em relação a eventos futuros atribuída a Elisabeth, que negou a autoria da carta ameaçadora, mas pode não ter convencido Hildegard.

Hildegard conclui abençoando Elisabeth, caracterizando-se como uma pobre trombeta a serviço da Luz Viva e referindo-se a tribulações semelhantes pelas quais passa, ou seja, deixando implícito que também considera Elisabeth uma visionária e colocando-se como modelo e companheira mais velha e experiente:

Ó minha filha, que Deus faça de você um espelho da vida. Eu também me recolho na pequenez do meu entendimento, e estou muito cansada devido à inquietude e temor. No entanto, de vez em quando eu ressoo um pouco, como o som fraco de uma trombeta da Luz Viva. Que Deus me ajude, então, a continuar a Seu serviço. (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 181)

Há ainda outras diferenças entre Hildegard e Elisabeth, como a participação dos homens em suas atuações e as características de suas obras. Diferentemente de outras santas mulheres, em que a interferência dos homens foi tanta que se tornou difícil saber se as palavras escritas são mesmo as mensagens divinas que ouviram no íntimo do coração, Hildegard dominou completamente, intelectual e espiritualmente, seus confessores e secretários (BYNUM, 2015, p. 12), que apenas corrigiam gramaticalmente seus escritos (e mesmo isto é contestado por muitos estudiosos). Em Rupertsberg, onde Hildegard fundou seu mosteiro, os cuidados pastorais eram dispensados por um único padre por vez, procurado e empregado por ela mesma (GRIFFITHS, 2014, p. 24).

Guibert, seu último secretário, escreveu mais de uma carta em resposta às críticas de seus colegas monges, defendendo seu envolvimento espiritual com mulheres religiosas, expondo sua disposição em servi-las e argumentando que os homens deveriam considerar o serviço às mulheres não apenas necessário, mas também lícito e recompensador espiritualmente. Ele começa uma das cartas detalhando as circunstâncias pelas quais fora trabalhar em Rupertsberg, revelando que foi a convite expresso de Hildegard, em obediência ao bispo de Liège e ao arcebispo de Colônia (GRIFFITHS, 2014, p. 30). Para Dronke (2001, p. 201), é bastante claro que os homens que ajudaram Hildegard em seus escritos – Volmar, Gottfried, Ludwig de Trier e Guibert de Gembloux – sentiram-se conectados a ela por uma firme relação de amizade e admiração.

Já Elisabeth subordinou-se inteiramente ao seu irmão Ekbart von Schönau, de tal forma que se costuma considerar suas obras como de autoria dele. Ela deixou que ele mediasse a relação com seus leitores. Muitas de suas visões são respostas a perguntas feitas por Ekbart e outros monges. Bastante erudito, ele, que abandonou sua promissora carreira eclesiástica para se tornar monge e acompanhar sua irmã, crendo firmemente que suas revelações eram verdadeiras, colocava difíceis questões teológicas para que o anjo de Elisabeth respondesse por meio dela. Estas questões eram bastante comuns na troca intelectual e espiritual entre os monges do século XII: monges de Villers enviaram trinta e oito questões para Hildegard, confiando em seu acesso aos mistérios divinos e Ekbart fez o mesmo com sua irmã Elisabeth (CLARK, 1992, p.3).

Cabe destacar também que a obra de Elisabeth não é vasta e densa como a de Hildegard, cuja obra escrita, como deixa claro Fraboschi (2012, p. 11), na introdução de seu

livro, inclui aspectos teológicos, filosóficos, psicológicos, médicos, musicais, pictóricos, eclesiais e pastorais. “Sua obra é monumental e comparada em extensão e diversidade apenas à de Avicena” (DRONKE, 2001, p. 144).

Elisabeth não partilhava com a religiosa de Bingen seu interesse pela doutrina cristã, sua simbologia espiritual e seus talentos artísticos. Por outro lado, o que se destaca em Elisabeth e que faltava em Hildegard era justamente o misticismo típico, caracterizado por êxtases, cultivo da união com o divino, profunda subjetividade e relação pessoal com os santos (MARTINIANO, 2009, p. 148).

Elisabeth não nos oferece os espantosos dons intelectuais de Hildegard, nem o deslumbrante talento lírico de Mechthild ou a profundidade teológica de Hadewijch e Julian. Muito menos podemos admiti-la como uma heroína desafiadora da Resistência, como Marguerite Porete ou Joana d'Arc. Em vez disso, ela nos confronta como uma mística de objetividade suprema, alguém que falou em sua comunidade e por meio de quem sua comunidade falava. Poucos videntes foram tão profundamente eclesiais quanto Elisabeth. (CLARK, 1992, p. 11).

Nas próprias palavras de Elisabeth, o que Deus ofereceu através dela aos seus contemporâneos foi “confirmação da fé e consolação aos que estão perturbados” (ELISABETH SCHÖNAU, 2000, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas apresentadas revelam duas mulheres singulares em duas etapas bastante distintas do caminho para Deus segundo a via cristã contemplativa. Elisabeth, ainda cheia de insegurança e sofrimento, e Hildegard, cheia de sabedoria e calma, acostumada com suas limitações e com as dificuldades e tentações que sobrevêm ao visionário, num mundo em que as pessoas parecem não corresponder satisfatoriamente aos seus apelos para que se voltem para Deus.

Hildegard e Elisabeth, por terem certeza de que vivem num tempo espiritualmente decadente, têm urgência em anunciar as mensagens divinamente inspiradas – para isto foram escolhidas como mandatárias de Deus, tendo em vista a corrupção, o despreparo e a indiferença do clero. Buscam incessantemente desempenhar a função de mensageiras divinas com perfeição.

Podemos dizer que Elisabeth vê Hildegard como um modelo de visionária, uma mulher mais velha e experiente capaz de consolá-la, orientá-la e defendê-la, com sua autoridade, das perseguições e difamações de que é vítima; e que Hildegard, por sua vez, vê Elisabeth como uma jovem imatura para a qual deve oferecer, maternalmente, conselhos e

admoestações a fim de que não vacile ante as tentações ou se torne espiritualmente orgulhosa por ser dotada de dons extraordinários.

De Hildegard, Elisabeth herdou o espírito profético, a coragem para denunciar a corrupção do clero, envolver-se com questões políticas e exortar acerca dos erros da heresia cátara. De Hildegard recebeu a inspiração para escrever seu próprio Caminho do Senhor, mas não os dons artísticos, a genialidade, o domínio das mais diversas áreas, a extensão e a complexidade da obra.

Em contrapartida, Elisabeth tem em comum com muitas mulheres posteriores o que faltou em Hildegard: as características da mística propriamente dita¹⁹, como êxtases, relações pessoais com os santos, profunda subjetividade e dependência do confessor (NEWMAN, 2015, p. 86)²⁰. Elisabeth e Hildegard, duas visionárias místicas diferentes, mas complementares, que impactaram, cada uma à sua maneira, a cristandade medieval.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)**. História, v. 34, n.2, Jul/Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000200263#aff1 Acesso em: 20 de julho de 2019.

BYNUM, C. W. Prefácio. In: Hildegarda de Bingen, **Scivias**. Paulus, 2015.

CHANCE, Jane. **Late-Medieval German Women's Poetry Secular and Religious Songs**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CIRLOT, Victoria. **Vida y visiones de Hildegard von Bingen**. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

CLARK, Anne L. **Elisabeth of Schönau a Twelfth-Century Visionary**. University of Pennsylvania Press, 1992.

ELISABETH OF SCHÖNAU – **The complete Works**. Ed. Anne Clark. New Jersey: Paulist Press, 2000.

DRONKE, Peter. **Women Writers of the Middle Ages – A Critical Study of Texts from Perpetua (203) to Marguerite Porete (1310)**. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

ECHTERNACH, Theoderich von. Vida, II, em **Vida y visiones de Hildegard von Bingen**. Ed. Victoria Cirlot. Madrid: Siruela, 2001.

¹⁹ Esta é a visão de Newman. Para o que pensamos acerca da mística ver nossa nota 18.

FLANAGAN, Sabina. **Hildegard of Bingen: a Visionary Life**. Londres: Routledge, 1998.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. **Santa Hildegarda de Bingen: doctora de la Iglesia**. Buenos Aires: Miño y D'ávila Editores, 2012.

GOLDY, Charlotte N.; LIVINGSTONE, Amy. **Writing Medieval women's lives**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2013.

GÓMEZ, Pedro Edmundo. Introdução. In: Hildegarda de Bingen. **Cartas de Hildegarda de Bingen**, Epistolario Completo Volumen 1. Buenos Aires: Miño y D'avila editores, 2015, pp. 15-26.

GRIFFITHS, Fiona J. **Partners in spirit Women, Men, and Religious Life in Germany, 1100–1500**, Turnhout, Belgium: Brepols, 2014.

Hildegard von Bingen. **The letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994.

Hildegard von Bingen. **The letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998.

Hildegarda de Bingen. **Cartas de Hildegarda de Bingen**, Epistolario Completo Volumen 1. Ed: Azucena Fraboschi, Cecilia Inés Avenatti de Palumbo e María Esther Ortiz. Buenos Aires: Miño y D'avila editores, 2015.

Hildegarda de Bingen. **Libro de Los Méritos de la Vida**. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: www.hildegardiana.es. Acesso em: 13 de julho de 2019.

Hildegarda de Bingen. **Scivias**. São Paulo: Paulus, 2015.

Hildegardis Bingenensis. **Scivias**. Ed. Adelgundis Führkötter e Angela Carlevaris. CCCM (Corpus Christianorum, Continuatio Medieualis). Turnhout, Bélgica: Brepols, 1978. HOLLYWOOD, Amy. **The Cambridge Companion to Christian Mysticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1963.

KERBY-FULTON, Kathryn. “Self-Image and the Visionary Role in Two Letters from the Correspondence of Elisabeth of Schönau and Hildegard of Bingen” em *Vox Benedictina* 2, 1985.

LARRINGTON, Carolyne. **Women and Writing in Medieval Europe**, New York: Routledge, 1995.

MARTINIANO, Maria Carmen G. **A Espiritualidade de Hildegard von Bingen: profecia e Ortodoxia**. 2009. Dissertação (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DOI: [10.25244/uf.v13i1.2396](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2396)

Hildegard von Bingen e Elisabeth von Schönau

VASCONCELOS, Ana, R. G. Cabral de; NOGUEIRA, Maria S. Marinho

NEWMAN, Barbara. **Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine**. Berkeley: University of California Press, 1987.

NEWMAN, Barbara. Introdução. In: Hildegarda de Bingen, **Scivias**. São Paulo: Paulus, 2015.

NEWMAN, Barbara. Introdução. In: CLARK, Anne. **Elisabeth of Schönau – The complete Works**. New Jersey: Paulist Press, 2000.

PERELMAN, Les. The Medieval Art of Letter Writing. Rhetoric as institutional expression. In: **Textual Dynamics of the Professions**. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

WHEELER, Bonnie. **The letters of Heloise and Abelard**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.